

Temo que a noite avance
sólida, concreta
A destreza de uma rua
A dureza do edifício
O abandono de uma esquina.

Temo que a noite ilumine
diáfana, desperta
Um grito acordado do vizinho
sincronizado em um outro bairro
à coragem suicida que em breve finda.

Temo que a noite precipite
derradeira, predadora
Corte da alcatra para a janta
Frio de mil facas
sobre a coberta molhada na calçada.

Temo que a cidade esqueça
obscura, encoberta, bebedeira
A arte abstrata do meu canto
ofuscada enquanto o sangue descoberto
tempera a culpa transeunte nas veias do concreto

e acabe aqui mesmo.